

ROSENFELD, N. A. Celebrare l'alleanza: la tipologia dalla Bibbia alla liturgia.

Roma: CLV – Edizioni Liturgiche, 2017, 535 p.

ISBN 978-88-7367-224-1

Nikolaj A. Rosenfeld é monge cisterciense e professor assistente do curso de Liturgia na Universidade de Lubiana e membro da Comissão Litúrgica Nacional da Eslovênia. A obra em questão – “Celebrare l'alleanza: la tipologia dalla Bibbia alla liturgia” – corresponde à sua tese doutoral realizada no Pontifício Instituto Litúrgico Santo Anselmo em Roma.

O livro é dividido em cinco capítulos. No primeiro, o autor apresenta uma visão geral acerca da tipologia. Em cada um dos três capítulos seguintes, o estudo está concentrado em determinados autores, com suas respectivas abordagens a respeito da temática da tipologia bíblica: “o modelo hermenêutico de Paul Beauchamp”; “o modelo cristocêntrico de Leonhard Goppelt”; e “o modelo mistagógico de Jean Daniélou”. Por fim, no quinto e último capítulo, Nikolaj A. Rosenfeld traz sua reflexão, como que apresentando um novo modelo de abordagem tipológica: “o modelo litúrgico baseado na aliança nupcial”.

No primeiro capítulo – “Panorâmica sobre a tipologia” –, o autor inicia sua pesquisa fazendo um percurso histórico acerca da temática da tipologia. Embora o termo “tipologia” tenha sido cunhado no século XVIII por um pesquisador alemão de história da Igreja, Johann Salomo Semler, tanto a tipologia como o método tipológico fizeram parte da exegese e da hermenêutica da Igreja desde os seus primórdios. Os escritos do Novo Testamento já vislumbravam em algumas realidades do Antigo o evento e a pessoa de Cristo. O método tipológico também foi a base da exegese patrística, seja na defesa da fé cristã diante do gnosticismo e do judaísmo, seja no campo da liturgia. Ao longo da história, tanto da parte de teólogos como das intervenções do Magistério eclesial, as avaliações acerca da tipologia oscilam de um extremo

a outro: ora a tipologia é tratada como uma “reliquia do passado”, ora é vista como uma “chave de ouro que abre uma grande quantidade de portas problemáticas” (p. 40). Mas há também posições intermediárias e até mesmo não falta quem defenda a atualidade da pesquisa do método tipológico. Além do percurso histórico, o autor se debruça na abordagem litúrgica da tipologia. Esta possui o mérito de oferecer uma linguagem sacramental profundamente bíblica e também contribui para a composição da eucologia litúrgica, de modo que “a tipologia bíblica se torna o instrumento mais apropriado para expressar o *mystêrion* de Cristo” (p. 85).

O segundo capítulo versa a respeito do “modelo hermenêutico de Paul Beauchamp”. Este é citado como “o biblista contemporâneo mais genial com relação à tipologia” (p. 87). A obra de P. Beauchamp estudada pelo nosso autor corresponde aos dois volumes do título “*L’uno e l’altro Testamento*”, cujo tema central é o da Aliança. À luz dessa obra, Nikolaj A. Rosenfeld identifica alguns critérios estabelecidos pelo modelo tipológico de P. Beauchamp: a centralidade (cada tema central do Antigo Testamento corresponde a um tema central do Novo); a repetitividade (pela sua centralidade, o tema se repete); a corporeidade (as figuras – *typói* – se encontram na história); a deficiência (refere-se a tudo o que designa o não-cumprimento da figura); enfim, a abertura de toda figura a uma escolha de liberdade – da parte de quem lê – entre verdade e mentira. No pensamento de P. Beauchamp, a tipologia não corresponde a um dos múltiplos sentidos da Escritura, mas é a chave que permite compreender a sua unidade. De fato, Cristo não atua depois do Antigo Testamento, mas dentro dele, revelando-se através das suas figuras, ou seja, Ele já está presente nelas.

No terceiro capítulo, Nikolaj A. Rosenfeld aborda o “modelo cristocêntrico de Leonhard Goppelt”, cuja obra pesquisada é “*Typos: the typological interpretation of the Old Testament in the New*”. Este livro mostra que a tipologia é a principal forma de interpretação do Novo Testamento. À luz do estudo desta obra, Nikolaj A. Rosenfeld traça alguns enunciados fundamentais que resumem o pensamento de L. Goppelt: Cristo, com sua pessoa, toma o lugar de todos os outros meios de salvação; a instituição da Eucaristia é um sumário de toda a tipologia; Cristo determina a Nova Aliança com o sacrifício de sua vida; o conceito fundamental em torno ao qual tudo gira é o de Nova Aliança; Cristo é o antítipo de todo o Novo Testamento; Cristo é a encarnação da Nova Aliança; a Igreja é o povo da Nova Aliança; a criação deste povo é feita através do dom do Espírito Santo. Tais afirmações

demonstram que, no fundo, para L. Goppelt, a leitura tipológica coincide com a leitura neotestamentária, que tem como centro o evento Cristo.

No quarto capítulo, é abordado “o modelo mistagógico de Jean Daniélou”. Em relação a este autor, Nikolaj A. Rosenfeld recorre a duas de suas obras: “*Sacramentum futuri: études sur les origines de la typologie biblique*” e “*Bible et liturgie: la théologie biblique des sacrements et des fêtes d’après les Pères de l’Église*” [trad. bras. *Bíblia e liturgia: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas dos Padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2013]. O primeiro livro é um estudo temático das grandes figuras do Antigo Testamento. O segundo livro, por sua vez, se divide em duas partes: a primeira refere-se aos ritos e aos comentários da liturgia da iniciação cristã; a segunda parte está relacionada às festas. O estudo de J. Daniélou mostra que a tipologia bíblica das catequeses mistagógicas dos Padres está inserida na linha da já existente nos escritos do Novo Testamento, de modo que os sacramentos são eventos salvíficos já prefigurados no Antigo Testamento. Além disso, à luz da mistagogia patrística, entendemos também que os fatos da história da salvação continuam em nossos dias cada vez que celebramos a liturgia.

O quinto e último capítulo versa a respeito do “modelo litúrgico baseado na aliança nupcial”, resultante da reflexão pessoal de Nikolaj A. Rosenfeld. Tal modelo “considera os sacramentos como eventos celebrados na liturgia, os quais se inserem dentro do mistério da Aliança entre Deus e o homem em Cristo” (p. 422). O autor busca aplicar a estrutura da Aliança veterotestamentária à realidade da celebração litúrgica. No Antigo Testamento, a Aliança se apresenta com as seguintes características, embora todas sejam encontradas em poucos textos: nomeação do soberano da parte do mesmo (nomeia-se o Nome de Deus); prólogo histórico (*anamnese* dos benefícios de Deus); declaração da Aliança (compromisso recíproco, no qual o povo adere a Deus); estabelecimento (promulgação dos códigos de leis da Aliança); presença das testemunhas (a Aliança nunca é um ato privado); retribuições (dom do pão, da bênção, da vida); redação de um ato de Aliança. Na ritualidade litúrgica, encontramos a mesma correspondência de estrutura, apesar de não aparecer tal e qual em todas as celebrações: a nomeação do nome de Deus (Pai, Filho e Espírito Santo), no início de cada liturgia; a *anamnese* dos benefícios de Deus que está presente em cada rito litúrgico; a declaração de Aliança que ocorre da parte de Jesus através das palavras: “Este é o cálice da nova Aliança no meu sangue”, e da parte do cristão através do seu “Amém” na liturgia (declaração que permanece, de qualquer modo, implícita em todo rito da Igreja – rito que

a ela se liga como em um centro fontal); a promulgação das leis da Aliança, que ocorre durante a leitura da Palavra de Deus; a presença das testemunhas (a natureza pública da liturgia da Igreja); os dons da Aliança: o pão, o cálice e a bênção, isto é, o Espírito Santo; a redação do ato de Aliança, visível em alguns sacramentos (iniciação cristã, matrimônio).

Nikolaj A. Rosenfeld mostra que seu modelo completa lacunas deixadas pelos autores pesquisados. P. Beauchamp nunca faz referências específicas à liturgia da Igreja, embora tenha o mérito de colocar a Aliança como centro onicompreensivo da totalidade da Escritura; L. Goppelt muito raramente faz menções acerca do caráter nupcial da Aliança, tema fortemente sublinhado na literatura profética e pressuposto no Novo Testamento. J. Daniélou, por sua vez, limita sua reflexão acerca do modelo mistagógico apenas a alguns ritos. Mesmo afirmando que os sacramentos antecipam as núpcias escatológicas, J. Daniélou não especifica a sua intrínseca relação com a Aliança, que para alguns Padres da Igreja parece presumido. O modelo de Nikolaj A. Rosenfeld tem como característica fundamental “centralizar e considerar a liturgia como o cumprimento da figura da Aliança nupcial entre Cristo e a Igreja” (p. 504). Para nosso autor, a celebração litúrgica torna-se o lugar privilegiado, estabelecido por Deus, onde o povo da Aliança experimenta o mistério nupcial de Cristo no seu Espírito.

O estudo de Nikolaj A. Rosenfeld nos oferece uma visão geral acerca das pesquisas na área de tipologia bíblica, sobretudo na abordagem de diferentes autores e de referências a documentos recentes do Magistério eclesial. O autor, com efeito, apresenta a atualidade de um tema que foi muito utilizado nos primórdios do cristianismo, demonstrando que ele ainda tem muito a contribuir para a pesquisa teológica. Esta obra tem o mérito de apresentar a celebração litúrgica sob o signo da Aliança, à luz da tipologia bíblica. Além disso, a abordagem tipológica presente nesta obra contribui para um aprofundamento das relações entre Escritura e liturgia, algo infelizmente ainda tão desconhecido para a maioria dos que frequentam as celebrações em nossas comunidades.

André Luiz Benedito

Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro / RJ – Brasil

E-mail: katolous@yahoo.com.br